

DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i47.9569>

O FENÔMENO DA ESTIGMATIZAÇÃO DOS IMIGRANTES HAITIANOS EM LAJEADO NO RIO GRANDE DO SUL



Fernando Diehl

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Brasil



Resumo

O presente artigo é produto de uma pesquisa cujo cerne principal buscou compreender o fenômeno da estigmatização que imigrantes haitianos residentes no município de Lajeado, na região do Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul, recebem por parte de moradores locais estabelecidos. A pesquisa pretendia compreender em que medida os haitianos são estigmatizados por alguns moradores estabelecidos em Lajeado e quais são as formas de estigma que surgem neste processo. Tal pesquisa utilizou-se para a coleta de dados, instrumentos qualitativos entre eles a observação participante, entrevistas semiestruturadas individuais e também em grupo com moradores locais estabelecidos de todos os estratos sociais, assim como informações vinculadas pela mídia local através de matérias de jornais e programas de rádio.

Palavras-chave: Estigmatização; Imigração Haitiana; Interação Social.

Introdução

O presente artigo é produto de uma pesquisa na qual buscou compreender o fenômeno da estigmatização que imigrantes haitianos residentes no município de Lajeado no Rio Grande do Sul recebem por parte de moradores locais estabelecidos. A pesquisa foi orientada para buscar analisar como ocorre o fenômeno de estigmatização dos haitianos por parte dos habitantes de Lajeado no processo de interação social cotidiano. Tentando compreender em que medida os haitianos são estigmatizados por moradores já estabelecidos em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul.

A questão da chamada “nova imigração”, mais especificamente o crescimento das migrações internacionais tem se tornado “uma realidade em todas as regiões do mundo” (MAGALHÃES, 2013, p.27), um assunto de grande pauta nas diversas esferas sociais. Todavia o tema das migrações ao longo da construção do conhecimento das ciências sociais foi ignorado por autores denominados de clássicos das principais ciências sociais (PEIXOTO, 2004, p.3), ficando muitas vezes às margens “dos principais debates paradigmáticos nesta ciência” (PEIXOTO, 2004, p.5). Portanto, atualmente apresenta-se um crescimento de

pesquisas nas diversas áreas das ciências sociais para a compreensão do fenômeno das recentes migrações internacionais.

É presenciado nos últimos anos um crescente número no processo de migração haitiana vindo ao Brasil, deve-se considerar que “a vinda de haitianos para o Brasil tem sido considerada a maior onda imigratório ao país em cem anos” (ZENI; FILIPPIM, 2014, p.13). Este trabalho visa trazer mais informações e debate para a sociologia sobre a nova migração no Brasil, focando mais especificamente no que tange a questão da discriminação contra os grupos de haitianos migrados para uma cidade do interiorana. Compreendendo que “a partir do ponto de vista do Brasil, a recepção destes migrantes não tem sido tão pacífico, trazendo à tona até mesmo fundamentalismos xenofobistas” (ZENI; FILIPPIM 2014, p.13). E é este lado, “não tão pacífico” que este artigo pretende demonstrar.

A pesquisa foi realizada no município de Lajeado, que é localizado no Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul. Conforme o censo de 2010 do IBGE, Lajeado possui 71.481 habitantes¹. A cidade tem sua origem (não como município) em 1760 quando 14 casais açorianos fixam-se em Taquari, posteriormente os alemães estabeleceram-se na região em 1854 e os italianos estabeleceram-se em 1882. Situado na região do Rio Taquari, o município de Lajeado foi fundado oficialmente em 27 de janeiro de 1891. É considerada a cidade mais importante do Vale do Taquari, Lajeado é localizado a 110 km de Porto Alegre. Quanto à questão econômica, o grande destaque é na industrial alimentícia, mas também o comércio é importante na cidade. Hoje o município possui uma área geográfica total de 90,419 km² conforme IBGE², prioritariamente urbana³, já que apenas 12,53% desta área permanecem situadas na periferia rural. É interessante salientar que devido a existência de uma grande oferta de empregos na região no período de 2013 e 2014 foi que desencadeou uma grande vinda de mão de obra de outras regiões do país, assim como também imigrantes, principalmente provenientes das migrações haitiana, senegalesa e indiana.

¹ Para mais informações sobre a história, economia e outros aspectos de Lajeado, disponível em

http://www.lajeado.rs.gov.br/home/show_page.asp?titulo=Hist%F3ria&categoria=Lajeado&codID_CAT=931&id_CONTEUDO=3028&INC=includes/show_texto.asp&imgCAT=
Acesso em 16/09/2015

²Disponível em

<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/areaterritorial/area.php?nome=Lajeado&codigo=4311403&submit.x=42&submit.y=10>
Acesso em 16/09/2015

³Disponível em http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_pu_hom_mul.php?codigo=431140
Acesso em 16/09/2015

Quanto à questão étnico-racial, deve-se destacar que em 2010, o Censo Demográfico indicava que cerca de 8,6 mil pessoas (aproximadamente 2,5% da população total) do Vale do Taquari eram negras. Hoje, somam-se à população da região cerca de 4,4 mil imigrantes afrodescendentes que, desde 2012, migraram para a região do Vale do Taquari em busca de oportunidades⁴. Ou seja, houve um acréscimo de pessoas negras na cidade, o que vem desencadeando em ações de racismo até então camufladas ou invisibilizadas. Em Lajeado estima-se que a população negra tenha dobrado devido aos novos imigrantes.

Feito esse panorama introdutório, a seguir será feito um recorde teórico de conceitos que foram utilizados para a compreensão dos dados e o debate com trabalhos empíricos já realizados com a temática da imigração.

Debate teórico

O processo de estigmatização é construído na interação social entre indivíduos e grupos sociais, a pesquisa buscar verificar e compreender os sentidos e signos que surgem dentro das relações sociais entre os indivíduos, para com isso verificar o desenvolvimento da estigmatização neste contexto. Portanto, a pesquisa parte do pressuposto de que a sociedade é um círculo de indivíduos que estão interligados uns aos outros em relações sociais, a corrente teórica denominada de interacionismo simbólico, utilizada nesta pesquisa, pretende compreender como ocorre o surgimento de significados e sentidos nas relações entre pessoas ou objetos.

Existem três premissas básicas para o interacionismo simbólico, a primeira é que as pessoas agem de acordo com o sentido/significado que as coisas têm para as pessoas. A segunda é a constatação que tais significados surgem dentro da interação social entre indivíduos. Por fim, a terceira premissa é que os significados/sentidos não são estáticos, mas são modificados através de processos interpretativos realizados pelas pessoas (BLUMER, 1986, p.2). Constata-se nesta perspectiva epistemológica que a sociedade não é uma estrutura pronta e estabilizada, mas um eterno processo de interação entre indivíduos dando significados e ressignificando simbolicamente tudo que os cerca.

A interação pode ser definida como “a influencia recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros” (GOFFMAN, 2011, p.24). Ou seja, a sociedade é um conjunto de ações

⁴Disponível em <http://www.informativo.com.br/site/noticia/visualizar/id/61092/?Chegada-de-estrangeiros-aumenta-populacao-negra-do-Vale.html>

realizadas pelos indivíduos (BLUMER, 1986, p.6). E é na interação social que o indivíduo cria um sentido para sua ação e compreensão do mundo, nunca de maneira isolada, mas sempre interagindo com outros. É na interação que surge o estigma contra outro indivíduo ou um grupo social.

Acerca do conceito de estigma, Goffman faz inicialmente uma compreensão histórica da origem de tal termo, o que remete aos tempos *helênicos*, os gregos criaram o termo estigma para descrever sinais corporais que pretendia evidenciar alguma coisa - seja positivo ou negativo - sobre o status moral de quem apresentava tais sinais. Já no período europeu medieval, quando a religião católica começa a exercer uma maior influência sobre o pensamento vigente, o termo começa a ser compreendido para expressar sinais corporais da graça divina. Todavia, atualmente, ao menos na interação cotidiana, o termo serve para designar algo referente a uma “desgraça”, ou seja, pejorativo.

A estigmatização para Goffman, é considerado como a “referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso” (GOFFMAN, 2013, p.13). Para uma melhor compreensão, Goffman descreve três tipos de estigma,

“Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família” (GOFFMAN, 2013, p.14).

Este conceito de estigmatização utilizando-se para a questão do imigrante, pode-se considerar que

“O mais recorrente é o de ordem sociocultural, isto porque estes imigrantes são identificados indistintamente como possíveis traficantes, pessoas pobres e de ‘pouca cultura’. Em segundo lugar aparece o estigma de ordem étnica e racial, uma vez que em razão de sua tipologia específica e da pele morena são identificados como ‘índios’ e ‘morenos’. Finalmente, temos o estigma de ordem jurídica, pois o Estado brasileiro os identifica como estrangeiros indocumentados ou clandestinos, trazendo-lhes sérios problemas para o seu dia-a-dia” (SILVA, 1999, p.112).

Isso quer dizer que o indivíduo que de alguma maneira teria sido facilmente aceito por outros indivíduos em uma interação social cotidiana, possui algum traço que pode impor uma atenção que acaba afastando os outros indivíduos, muitas vezes, desconsiderando outros possíveis atributos seus. Em consequência disso, o estigma é um símbolo, mais

especificamente um elo utilizado por um grupo ou indivíduo, para exercer dominação sobre outro. Essa dominação pode ocorrer de diversas formas, desde agressão física, a sanções sociais (neste fator pode-se caracterizar questões econômicas, políticas e culturais) e até mesmo de caráter simbólico.

O outro conceito que tal pesquisa desenvolveu para a análise dos dados, é o de fofoca, elaborado por Elias⁵ e Scotson que descrevem a fofoca como sendo uma arma ideológica utilizada por um grupo dominante subjugar simbolicamente um grupo dominado, a fofoca é “um sistema de atitudes e crenças que enfatizava e justificava sua própria superioridade, e que rotulava as pessoas do loteamento como sendo de categoria inferior” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.65). Ou seja, a fofoca é um indicativo de como o estigma é criado e transmitido pelos estabelecidos da cidade contra a população recente imigrada. O instrumento que um grupo utiliza para justificar a sua superioridade. Em locais, como uma cidade de pequeno e médio porte, a fofoca é um instrumento utilizado de maneira corriqueira, para que os dominantes daquele local mantenham o seu status de dominantes e com isso, subjuguem outros grupos sociais, seja por eles não preencherem o que se espera, ou seja, por uma possível ameaça que eles podem representar.

Por fim, a última parte teórica a ser descrita neste aspecto dos conceitos mais gerais é referente à questão étnico-racial. O artigo está partindo do pressuposto de que o conceito de raça é uma ideia (WADE, 2000 p.21) socialmente construída. Isto significa que, alguns traços que foram utilizados para definir raça, foram originados e ressignificados historicamente de acordo com interesses de grupos sociais. Os traços como a pigmentação de pele, formato do rosto, nariz, cabelo, cor dos olhos, foram símbolos usados para a definição de raça. Portanto,

“não podemos deixar de nos lembrar sempre que o conceito de ‘raça’, tal como é empregado na linguagem cotidiana de senso comum, para significar características conexas e comuns em relação ao tipo e à ascendência, é uma invenção relativamente recente e absolutamente moderna” (GILROY, 2007, p.52).

Algumas lacunas ainda ficam a ser indagadas, analisar a questão étnico-racial como um discurso de significado possui suas limitações, mas é o pressuposto teórico da qual este artigo está partindo para a compreensão fenomenológica acerca da estigmatização dos imigrantes haitianos na interação cotidiana. É importante compreender a “cor de pele como um determinante ativo de relações sociais” (MILES, 1993, p.87), isto é um traço determinante construído simbolicamente. Ou seja, algo biológico - o fenótipo da pele - sendo compreendido

⁵ Na qual este artigo também utilizou-se do termo “estabelecidos” para descrever os moradores de Lajeado que não sejam os imigrantes haitianos.

e explicado a partir de uma construção cultural. Para uma compreensão interacionista deste fenômeno social, deve-se sair desta dicotomia de biológico e cultural para compreender que ambas são linguagens construídas na interação social. Isto quer dizer, o fator biológico sendo interpretado a partir de uma cultura construída socialmente.

O imigrante e a migração internacional

Feito este panorama acerca do Interacionismo Simbólico, os conceitos de Estigma, Fofoca e o debate étnico-racial que este artigo está partindo. Será escrito acerca dos imigrantes. Georg Simmel (2004) em um de seus vários ensaios conceitua sobre aquele sujeito na qual se apresenta como “o Estrangeiro”, para Simmel, o estrangeiro seria aquela pessoa que está em um lugar, mas também não está ao mesmo tempo. Isto quer dizer, aquele sujeito que não abandonou a liberdade de ir e vir, que não está “preso” a um contexto social específico. Todavia, ao longo da descrição acerca do ser estrangeiro, Simmel apresenta o estrangeiro para mais do que isso, ele mostra que na verdade em todos os grupos sociais existem estrangeiros, aqueles que são mal vistos pelos olhos dos estabelecidos. Seja pela sua “liberdade” de mobilidade, ou seja, pelo estranhamento que causam, por serem diferentes. Pois muitas vezes o estrangeiro “não está obrigado nos seus atos a respeitar a tradição” (SIMMEL, 2004, p.137), o que pode ser um dos desencadeadores que causam o estranhamento de um grupo estabelecido contra eles. Pois são pessoas desconectadas com os padrões dos estabelecidos ou o que se espera que todos os membros de um determinado contexto social se comportem. Em consequência disto, muitas vezes o estrangeiro apresenta-se como “aquele ser geralmente enigmático que não podemos ignorar tão facilmente e cuja simples presença provoca reações contraditórias, inquietantes” (MAGALHÃES, 2013, p.29). Desta maneira, muitas vezes é na figura do estrangeiro que é construindo um sentimento de estranhamento, entre grupos que interagem no mesmo espaço social.

Consequentemente, o estrangeiro pode ser muitas vezes aquele sujeito (ou grupo social) que se torna o alvo de injúrias quando uma possível ameaça surge. Podemos pensar historicamente o papel que a população judaica recebeu na Europa ocidental, como sendo os “responsáveis” por tragédias que ocorriam⁶. Neste exemplo específico, os judeus eram muitas vezes os “bodes expiatórios”, ou seja, aquele grupo que caía as culpas quando uma ameaça surgia. Isto quer dizer que o estrangeiro pode vir costumeiramente se tornar o possível alvo

⁶ Para um maior aprofundamento acerca desta questão, recomenda-se a leitura do livro “As origens do Totalitarismo”, de Hannah Arendt, mais especificamente a primeira parte do livro, intitulada de antissemitismo.

quando surge uma possível ameaça que pode desestabilizar as regras vigentes em uma sociedade. Pelo fato do estrangeiro não ser obrigado a seguir as regras vigentes, ele é considerado como o diferente, logo, o possível culpado, pois não está completamente assimilado ao grupo estabelecido, o estrangeiro demonstra simbolicamente o medo do desconhecido. No momento em que ele deixa de ser um ser abstrato e se torna alguém concreto em que os indivíduos veem face a face e interagem (ou evitam a interação), este desconforto com o desconhecido torna-se mais exacerbado, pois “aquilo que era tolerável quando o estrangeiro estava longe, torna-se insuportável a partir do momento em que ele se aproxima demais e nos impõe suas ‘excentricidades’, morando ali ao lado” (MAGALHÃES, 2013, p.31). Pelo fato de tratar com o outro como estrangeiro – neste caso, o imigrante haitiano - que muitas vezes a discriminação ocorre na vida cotidiana, devido ao fato de os considerarem como “incapazes de se integrarem às normas e linguagens preferidas pelas populações dominantes” (SCOTT, 2010, p.123).

Mais especificamente acerca de conceituar os imigrantes, Sayad (1998, p.10) apresenta o imigrante como uma questão complexa, envolvendo diversas questões para a compreensão dele, dando grande destaque para a questão do imigrante ser uma força de trabalho provisória. Como este artigo não pretende debruçar-se acerca da questão econômica, destacamos o aspecto simbólico de permanência e não permanência ao mesmo tempo – com os padrões esperados pelos estabelecidos – do imigrante descrita por Simmel.

Pelo fato do imigrante ser um sujeito em transição de dois espaços sociais – o seu local de origem e o em que se encontra no momento – existem mecanismos que incitam as pessoas em mobilidade espacial a adotar certo comportamento em vez de outro, em determinadas situações (BRITO, 2010, p.433). Muitos destes mecanismos são vistos de maneira suspeita pelos moradores estabelecidos, justamente por não esperarem que ações sociais fora do “*script*” sejam feitas. Portanto, este comportamento muitas vezes é adotado pelo estranhamento causado frente ao estrangeiro.

Deve-se compreender que o processo migratório haitiano é específico e diferente de outras imigrações, pois o caso haitiano “provém de sociedades que têm a migração inscrita em sua história” (BRITO, 2010, p.439). Nesta imigração é muito presente a questão da diáspora como um atributo cultural próprio⁷. Esta experiência de diáspora “supõe ‘estar dentro’ e ‘estar fora’ da realidade apresentada como inerente do ‘lugar de chegada’, e mais do que isso, supõe

⁷ Quanto a isto, descrevo a minha experiência no Haiti, entre janeiro e fevereiro de 2014, na qual muitos haitianos falavam do desejo de ir para outro país. Também fui mais informado por eles acerca das migrações históricas que os haitianos fizeram.

desestabilizar a possibilidade de arguir acerca do que ‘é’ própria da ‘sua’ cultura” (GADEA, 2013, p.228). Ou seja, esta compreensão se assemelha ao estrangeiro de Simmel, aquele que está em um lugar e não está, com a diáspora, o estar dentro e estar fora. Isto significa que os haitianos migrantes, apresentam-se como um tipo-ideal desta figura do estrangeiro. Pois, embora alguns estejam no Haiti, não consideram aquele espaço como sua morada, planejam sua partida para outro lugar. Da mesma forma, os haitianos migrados, trazem aspectos culturais e revivem o ser haitiano no novo espaço migrado, sendo este local uma extensão do Haiti, conseqüentemente, eles tornam-se sujeitos que estão e não estão em um mesmo espaço social, estrangeiros para os olhos dos estabelecidos. O que pode causar um estranhamento, para a população estabelecida, que não presenciava em seu cotidiano indivíduos de um grupo étnico diferente do grupo estabelecido que até então vivenciava e considerava o seu modo de vida como sendo o único e correto.

Acerca da construção social da imagem dos haitianos, muitas vezes ela é apresentada de forma exagerada, para justamente fomentar a estigmatização contra eles (TAKEUCHI, 2008, p.178), construindo uma imagem desfigurada. Levando os habitantes estabelecidos a elaborar uma interpretação falsa de um grupo e a discriminar os seus membros (TAKEUCHI, 2008, p.180). Os estabelecidos não possuem contato direto com os imigrantes haitianos, mas reproduzem imagens e pensamentos que são disseminados por outros estabelecidos, através de suas redes de fofocas.

A pesquisa buscou analisar em Lajeado, mas ainda deve-se verificar em outras regiões do país o porquê da “presença de haitianos migrantes não despertou a mesma simpatia no Brasil do que a de imigrantes europeus” (ZENI; FILIPPIM, 2014, p.19) e o motivo disto. Tal pesquisa constrói um dialogo com pesquisas que tratam acerca do racismo, mais especificamente as formas contemporâneas de racismo (MAGALHÃES, 2013, p.28), compreendendo que “não se trata mais de afirmar uma superioridade biológica de uma raça sobre a outra, mas sim de demarcar negativamente as diferenças culturais” (FRANÇA, 2012, p.6). Quanto a esta questão, foi analisado mais especificamente a racialização e o racismo cultural contra um grupo social divergente. Verificou-se nas entrevistas se os estabelecidos veem os imigrantes haitianos como sendo “incapazes de integrar-se à sociedade, bem como de partilhar valores do grupo dominante” (MAGALHÃES, 2013, p.34). Descrevendo em que medida as questões étnico-raciais estão envolvidas na construção social da estigmatização contra os imigrantes haitianos. Agora será descrito acerca das ferramentas metodológicas utilizadas para a pesquisa deste artigo.

Metodologia

Foram utilizados instrumentos qualitativos para coletar os dados utilizados para a análise, porque, a exploração do problema sociológico que tal pesquisa realizou é “necessária devido à necessidade de estudar um grupo ou população, identificar variáveis que não podem ser medidas facilmente ou escutar vozes silenciadas” (CRESWELL, 2014, p.52). Foram escolhidos os instrumentos que serão descritos a seguir pois eles auxiliam a descrever melhor acerca da subjetividade frente a questão pretendia ser respondida com esta pesquisa.

As ferramentas utilizadas para adquirir as informações e dados para a amostra da pesquisa foram três. A primeira ferramenta utilizada é o método da observação, a observação ocorreu em espaços de interação cotidianos, como praças, rodoviária, pontos de taxi, centro da cidade, ruas e locais de entretenimento, ou seja, os espaços da cidade em que costumeiramente as pessoas transitam e interagem de maneira corriqueira. São aqueles espaços em que os que os haitianos e os moradores estabelecidos frequentam. Tentando observar assim, gestos simbólicos, como olhares, falas entre si ou comentários em voz alta, que os habitantes estabelecidos comunicam-se simbolicamente quando um imigrante haitiano passa por eles, ou quando sujeitos de ambos os grupos estiverem transitando pelo mesmo local. Buscando verificar a existência de símbolos claros ou camuflados de repugnância com a permanência de imigrantes no local. A observação também ocorreu em momentos que os haitianos não estão no mesmo local, para com isso verificar possíveis mudanças de comportamento dos habitantes estabelecidos, verificando se existe um sinal claro no comportamento dos estabelecidos na presença ou não dos imigrantes haitianos. Por se tratar de uma cidade de porte médio de habitantes, em uma região claramente marcada pela cultura da imigração histórica alemã e italiana, alguns traços desta imigração permanecem no comportamento das pessoas em tal cidade. O desconforto apresenta-se muitas vezes de maneira bem clara, com olhares de desaprovação e até pessoas que atravessam o outro lado da rua para não ter que cruzar diretamente com estes sujeitos.

Salientando que, para a sociologia, mais especificamente para o interacionismo simbólico, é compreendido que a organização social tem sua gênese nos sentidos e ações que os indivíduos constroem ao longo do seu processo de interação cotidiana (HAGUETE, 2013, P.62), logo a observação apresenta-se como uma importante ferramenta para a análise do processo de interação que os atores sociais realizam em sua vida cotidiana. A partir das observações foi possível encontrar indicadores sobre a estigmatização, como os gestos, olhares, e falas pejorativas contra os imigrantes.

A segunda ferramenta utilizada foi a entrevista, entre os diversos tipos de entrevista para uma pesquisa sociológica, a utilizada para esta pesquisa foi a semiestruturada, não fechada para possibilitar uma priorização de um viés qualitativo, buscando a compreensão da subjetividade da questão pertinente desta pesquisa. O uso deste modelo é para dar liberdade para o entrevistado expressar-se sobre o assunto (GIL, 2010, p.112), relatando sua visão acerca do tema específico. Tentando captar dos entrevistados as informações sobre os imigrantes haitianos na cidade e posteriormente adentrando acerca da discriminação contra eles. Foram realizadas vinte e uma entrevistas, com sujeitos de ocupações sociais distintas.

Isto foi decidido para tentar receber respostas mais características da vida cotidiana dos indivíduos que interagem no local em que está ocorrendo a pesquisa, partindo de um escopo fenomenológico para análise, compreensão e descrição do fenômeno social em si. O principal viés introdutório da entrevista foi a partir de um questionamento acerca da opinião do entrevistado sobre questões referentes a recentes mudanças sociais existentes na cidade para então entrar especificamente na questão dos imigrantes haitianos. Com as entrevistas, adquiriu-se indicadores sobre as falas dos atores a respeito dos imigrantes haitianos, como tais moradores estabelecidos veem os imigrantes. As entrevistas ocorreram de duas formas, a primeira é de maneira individual, com alguns atores específicos, e a segunda em grupos, para assim verificar o que eles falam entre si a respeito dos imigrantes haitianos. Estimulando a conversa entre os moradores estabelecidos, nos locais públicos para com isso verificar de que maneira, de forma coletiva, a opinião acerca dos imigrantes é construída. Compreendendo assim, qual é a percepção que os moradores estabelecidos têm dos imigrantes haitianos e qual a reação destes moradores frente à questão dos novos imigrantes.

Por fim, a terceira e última ferramenta metodológica utilizada nesta pesquisa sociológica é o uso de fontes midiáticas da própria cidade. Por fontes midiáticas quer dizer, as matérias de jornais locais que foram publicados escrevendo Acerca dos imigrantes haitianos, assim como programas de rádios locais na qual a temática da imigração haitiana foi apresentada e também, os comentários na internet feitos por moradores locais expressando suas opiniões acerca dos imigrantes haitianos. Tais fontes foram utilizados como reforços do argumento realizado na pesquisa, não sendo portanto, uma organização sistemática sobre toda a produção midiática acerca dos imigrantes haitianos na cidade, pois isso ocasionaria em uma pesquisa a parte.

As análises dos dados e indicadores ocorreram de maneira fenomenológica, de acordo com a perspectiva epistemológica adotada para este artigo. A pesquisa fenomenológica,

“descreve o significado comum para vários indivíduos das suas experiências vividas de um conceito ou um fenômeno” (CRESWELL, 2014, p.72). Isso quer dizer, a descrição que os atores sociais envolvidos em um fenômeno específico têm em comum. Tentando compreender e descrever o fenômeno como ele é, captando as opiniões dos atores sociais envolvidos. Por isso é justificado as escolhas teóricas e metodológicas para esta pesquisa, para melhor poder corresponder às exigências desta epistemologia e com isso, agregar esta questão ao conhecimento sociológico.

A pesquisa

O cerne que foi apresentado nas entrevistas e comentários dos moradores locais é o que pode ser traduzido como a existência de um desconforto com o estranhamento da presença de indivíduos “diferentes”, mais especificamente com o “surgimento de uma novidade”. Com a recente imigração de haitianos em uma cidade do interior em que até então não estava acostumada com uma repentina vinda de um número consideravelmente grande de membros de um grupo étnico - que não fosse os descendentes de imigrantes alemães e italianos, muito comuns na região – distinto causa estranhamento para os habitantes estabelecidos justamente por não estarem acostumados com a presença destes grupos étnico-sociais nos espaços centrais da cidade. Construindo simbolicamente o estranhamento frente a esses indivíduos que possuem uma cultura diversa da até então estabelecida pelos habitantes da cidade, na qual havia predominantemente moradores que são descendentes de imigrantes alemães e italianos, outras etnias eram pouca expressivas. Com a vinda massiva de novos grupos imigrantes – entre eles os haitianos – a população estabelecida, os vê como estrangeiros, no sentido de Simmel, de uma maneira de desconforto, justamente por ser uma presença que rompe com um “roteiro” organizado e estabelecido do que até então era o modo de se viver daquela cidade.

Estes novos imigrantes estão circulando por espaços sociais por onde grande parte da população transita especificamente nas regiões centrais da cidade, como praças e outros locais públicos, isto corrobora para uma manifestação – e reconfiguração - de um racismo até então camuflado, pois populações de brasileiros negros, não eram facilmente vistas na cidade, muitas vezes circulando apenas em bairros periféricos, com pouca circulação pela região central.

No momento que um grupo de imigrantes – que são negros – surgem na cidade e começam a circular por espaços que até então, a população negra local não transitava, a

discriminação racial que até então era cordial, camuflada, torna-se mais exposta, consequentemente, há uma reconfiguração do racismo neste local, visto que ele é apresentado neste caso de outra forma, somado com xenofobia. O fato deste imigrante ser negro e estar circulando por espaços que até então a população negra local não circulava, e este imigrante ser de um grupo étnico-racial diferente dos estabelecidos corrobora para uma manifestação de um racismo que até então não era presente, estava camuflado nas relações íntimas dos estabelecidos. A presença de negros nos espaços centrais gerou um desconforto para os estabelecidos pois a sua visão de mundo que até então era considerado como o padrão que todos deveriam seguir daquela localidade, torna-se questionada com a presença de indivíduos que “não sabem o seu lugar”.

Por esses imigrantes representarem uma mudança no que até então, muitos consideravam como se “deveria viver”, é construído estigmas contra os haitianos o que tende a influenciar em sua interação cotidiana, a partir de fofocas que circulam entre os moradores em seus espaços de interação - pois muitos dos habitantes não interagem com os imigrantes haitianos - apenas transmite o estigma ouvido em conversas paralelas e fofocas com outros habitantes. Utilizando-se de olhares e gestos simbólicos de menosprezo contra os imigrantes. Ao ser entrevistado, um cabeleireiro de um salão de beleza, localizado próximo ao centro da cidade, alega, “não tenho nada contra, mas não gosto quando eles roubam os nossos empregos”. A frase, “não tenho nada contra, mas”, parece ser expressiva ao lidarmos com a questão de preconceito seja de qual esfera sociocultural for. O que deve ser salientado, é que esta justificativa, é produto de uma fofoca construída socialmente através de redes de relações entre os moradores estabelecidos que pouco contato possuem com os imigrantes haitianos, visto que as alegações dos moradores estabelecidos não poderia ser utilizada especificamente no município de Lajeado, visto que, a vinda dos imigrantes haitianos, assim como de senegaleses e indianos à cidade ocorreu justamente pela grande oferta de empregos que a população local não preenchia na época. Esta justificativa resulta de uma retransmissão do que foi ouvido por outros moradores, ou matérias vinculadas pelas mídias.

O estigma muitas vezes é desenvolvido nas rodas de conversas, nas fofocas, nos espaços em que uma interação mais informal é possibilitada entre os moradores locais, sendo que a maioria deles nunca interagiu com algum dos imigrantes haitianos, a estigmatização é propagada por não conhece-los, apenas a partir das fofocas criadas pelos moradores locais. A principal forma na qual a estigmatização contra os imigrantes haitianos aparece, segundo alguns moradores relatam é de que os novos imigrantes apresentavam-se como se eles não possuíam boas condições de higiene, são barulhentos (VÉLAN et al, 2014, p.1016) e que vão

trazer atraso para a região. O fato de fazerem muito barulho incomoda muitas pessoas, mas a questão é se indagar o que significa este “barulho”, pois isto é uma medida um quanto relativa para se utilizar. Na verdade, o que ocorre é que, qualquer som “estranho”, para além do que é esperado, os estabelecidos veem com desconfiança, justamente por ser algo na qual não estão habituados. Acerca da questão da “higiene”, isto se demonstra como uma discriminação cordial (VÉRAN et al, 2014, p.1020), em consideração que os haitianos apresentam-se muito bem vestidos nos locais públicos - em muitas circunstâncias, melhor vestidos que os estabelecidos - ao ser mais indagado acerca deste aspecto específico da higiene na entrevista, alguns moradores estabelecidos deixam de maneira explícita, outros não, que a higiene é justamente algo de questão racial, salientando que o negro não é higiênico. Como disse um dos estabelecidos, “sabe como é... eles são negros e negros (faz um sinal de cheiro desagradável com o nariz)”. Já o suposto atraso que vão trazer é produto direto do racismo, mais especificamente formas contemporâneas de racismo que visam enfatizar um aspecto cultural de suposto atraso ou incapacidade de um grupo étnico não “assimilar” os valores da população estabelecida, tal racismo é muito presente para com grupos de imigrantes e refugiados.

Deve também fazer outra ressalva, os entrevistados não veem diferença nos imigrantes haitianos e senegaleses, por exemplo, no dia-a-dia é de maneira corriqueira que as pessoas reclamam dos imigrantes em geral, nominando-os como “os haitianos” (mesmo que em um caso, possa ser um senegalês quem esteja fazendo algo que “desagrada” aos estabelecidos). É corriqueiro o fato de que alguns estabelecidos manifestam opiniões negativas acerca dos “haitianos que vendem produtos nas ruas do centro da cidade”. Tais grupos não são haitianos, mas sim senegaleses. Todavia, os estabelecidos não se importam muito com diferenciações, tipificam o novo imigrante como algo único e pronto, todos os imigrantes em Lajeado era “haitianos”. Demonstrando que os moradores não buscam saber quem são estes novos imigrantes, preferem manter o contato em distância. Considerando-os como os “estrangeiros” de maneira geral, são alienígenas que não “pertencem” inteiramente ao município.

A questão étnico-racial na relação de interação social, seja efetiva ou tentando evitar o contato, é o principal fator da estigmatização contra os imigrantes haitianos, justamente pelo fato dos recentes imigrantes serem negros – que até então era manifestado por um racismo cordial – neste caso é ressignificado, junto com uma xenofobia, mais especificamente com o medo do desconhecido, o estrangeiro é apresentado como um ser diferente, e que deve ser evitado, pois o mesmo não sabe o “seu lugar” na cultura daquele espaço social delimitado. Entre um dos fatores que desencadeiam esta nova forma de racismo ressignificado, com

algumas diferenças frente ao racismo anti-brasileiro negro, é a comunicação, o que diferencia toda a interação entre o estabelecido e o imigrante⁸. Assim como a história e cultura deste grupo, serem diferentes da do brasileiro negro que foi descendente de escravo e tem este estigma no *ethos* de seu grupo, o haitiano possui uma história diferente, de escravidão, mas não em terras brasileiras, o que estabelece uma relação simbólica diferente com o morador estabelecido, que é branco. Assim é claro, com a própria história específica do Haiti, que é diferente do Brasil, pois o haitiano traz consigo o orgulho de ser a primeira República Negra do mundo. Como o imigrante haitiano não foi escravo no Brasil, o mesmo não apresenta o sentimento que os moradores estabelecidos “esperam” que um negro desempenharia na ordem social vigente no país.

É claro que deve ser salientado que há muitas pessoas que veem positivamente a vinda dos haitianos na cidade, entre estes grupos estão desde aqueles que veem a imigração haitiana com o viés de lucro ou oportunidade, como empresários, pessoas que alugam as casas para eles e donos de pequenos mercados na qual os haitianos comprem. Como também pessoas que não lucram com isso, apenas veem de olhos positivos a vinda dos imigrantes para a cidade.

Considerações Finais

O que tem se apresentado no decorrer da pesquisa é que, a estigmatização contra os haitianos ocorre de maneira corriqueira, no cotidiano dos moradores da cidade de Lajeado, ele é construído nos gestos, olhares e conversas que os estabelecidos fazem entre si, ressignificando um preconceito existente com outro grupo, mas adquirindo novos significados. Muitas vezes de maneira camuflada, como um racismo cordial, outras vezes mais abertas, como um evento presenciado na observação, que ocorreu em uma parada de taxis perto da rodoviária da cidade, quando os taxistas estavam abertamente gritando e falando palavras de baixo calão contra imigrantes haitianos⁹.

O que tem se demonstrando como fator que corrobora para a discriminação contra esta minoria social, é justamente o estranhamento frente ao desconhecido. Pois era uma cidade

⁸ Em minha viagem ao Haiti, consegui perceber que os haitianos advindos da capital, Porto Príncipe, é mais comum a existência de políglotas, era recorrente eu me comunicar com um haitiano que falava Francês, crioulo, espanhol, inglês ou português. Já no interior, mais especificamente Les Cayes, era quase unanime a presença de haitianos que apenas falavam o *creole*.

⁹ É claro que neste caso, os mesmos não se comunicarem em português, desencadeou com que os taxistas pudessem ofender abertamente o pequeno grupo de haitianos.

historicamente estabelecida em termos étnicos, com pequenas vindas de indivíduos migrados de outras regiões do estado e país, quando repentinamente, a partir de 2013, começa a receber uma grande leva de populações imigrantes, e estes sendo indivíduos de grupos étnicos pouco expressivos ou não existentes até então na região, o que causou o estranhamento para os sujeitos estabelecidos, pois a visão de mundo aceita que tinham como a corriqueira e normal, é desestabilizada e precisa ser reordenada, o que causa o estranhamento e desconforto por parte de muitos. Em consequência desta mudança de população na cidade, os moradores estabelecidos constroem simbolicamente instrumentos, como a fofoca, para subjugar o novo grupo social, muitas vezes, pelo próprio medo de não os conhecer. Então, sem a intensão de entrarem em contato com estes grupos, usam suas redes de interação e ressignificam o racismo existente na sociedade, agora também com o viés cultural que visa a discriminação contra um grupo estrangeiro, para com isso os estabelecidos manterem sua legitimação como o grupo que detém o controle na cidade.

THE PHENOMENON OF THE STIGMATIZATION OF HAITIAN IMMIGRANTS IN LAJEADO IN RIO GRANDE DO SUL

Abstract

This article is the product of a research that the main core is to understand the stigmatisation that Haitian immigrants residents in Lajeado in the region of Taquari Valley, Rio Grande do Sul receives by local residents established. The survey seeks to understand how the Haitians are stigmatized by some locals established in Lajeado and what are the forms of stigma that arise in this process. This research used as data collection, qualitative instruments including participant observation, individual semi-structured interviews and with group with local residents established, as well as information linked by local media through newspaper reports and radio programs.

Keywords: Stigmatisation; Haitian immigration; Social interaction.

Referência Bibliográfica

BRITO, Angela Xavier de. **Habitus de migrante um conceito que visa captar o cotidiano dos atores em mobilidade espacial**. Revista Sociedade e Estado, v. 25 n. 3, p. 431-464, Set/Dez 2010.

BLUMER, Herbert. **Symbolic Interactionism: Perspective and Method**. Los Angeles, University of California Press, 1986.

- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa & projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Porto Alegre, Penso, 2014.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.
- FRANÇA, Thais. **Teias invisíveis** – controlando a imigração através de mecanismos econômicos. Série Comunicação, FEUC, 2012.
- GADEA, Carlos Alfredo. **O significante “negro” e a pós-africanidade**: a diáspora haitiana em Miami. Sociologias, Porto Alegre, ano 15, nº34, set/dez 2013, p.220-245.
- GALLINO, Luciano. **Dicionário de Sociologia**, São Paulo, Paulus, 2005.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre, Penso, 2012.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, Atlas, 2010.
- GILROY, Paul. **Entre campos**: Nações, culturas e o fascínio de raça. São Paulo, Annablume, 2007.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, LTC, 2013.
- _____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 2011.
- HAGUETE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, Vozes, 2013.
- JENKINS, Richard. **Rethinking ethnicity**: arguments and explorations. Londres, Sage Publications, 1997.
- MAGALHÃES, Giovanna Modé. **As populações Migrantes e Alteridade**: Notas e Reflexões a partir dos deslocamentos populacionais contemporâneos. Aurora, Marília, v. 7, n. 1, p. 27-40, Jul.-Dez, 2013.
- MILES, Robert. **Racism after ‘race relations’**. Londres e Nova York, Routledge, 1993.
- PEIXOTO, João. **As teorias explicativas das migrações**: teorias micro e macro sociológicas. SOCIUS Working Papers, nº11, 2004.
- PUCCI, Fabio Martinez Serrano. **Bolivianos em São Paulo: redes, territórios e a produção da alteridade**. Red de bibliotecas virtuales de Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), Buenos Aires, 2013.
- Disponível em http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/clacso-crop/20131013074834/Pucci_trabajo_final.pdf, acesso em 02/01/2015
- SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração**: Ou os paradoxos da Alteridade. São Paulo, EDUSP, 1998.

- SILVA, Sidney Antonio da. **Estigma e Mobilidade: o imigrante boliviano nas confecções de São Paulo**. Revista Brasileira Estudos de População. Brasília, vol 16, n1/2, jan/dez 1999.
- SIMMEL, Georg. **Fidelidade e gratidão e outros textos**. Lisboa, Relógio D'Água, 2004.
- SCOTT, John. **Sociologia: conceitos-chave**. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.
- TAKEUCHI, Marcia Yumi. **A comunidade nipônica e a legitimação de estigmas: o japonês caricaturado**. Revista USP, São Paulo, nº79, p.173-182, set/nov, 2008.
- VÉRAN, Jean-François; NOAL, Débora da Silva; FAINSTAT, Tyler. **Nem refugiados, nem Migrantes: A chegada dos haitianos à Cidade de Tabatinga (Amazonas)**. DADOS – Revista de ciências sociais, Rio de Janeiro, vol. 57, n4, 2014.
- ZENI, Kaline; FILIPPIM, Eliane Salete. **Migração haitiana para o Brasil: acolhimento e políticas públicas**. Pretexto, Belo Horizonte, vol. 15, n. 2, abril-junho, 2014, p.11 a 27.
- WADE, Peter. **Raza y etnicidad en Latinoamérica**. Quito, Ediciones Abya-Yala, 2000.

Sobre o autor:

Fernando Diehl é Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: fernandodiehl89@gmail.com